

Wý'tý: o processo ritual artístico (re)criador da etnicidade Krikati

Maria Mirtes dos Santos Barros

Resumo: Wý'tý é uma cerimônia que envolve todos os membros da comunidade krikati e demanda um período considerável entre os preparativos iniciais, relativos à abertura e o encerramento, etapa mais elaborada. O Wý'tý aqui será analisado, preferencialmente, a partir de seus aspectos artísticos enquanto veículo de temas sociais dominantes. Para esse ritual, a comunidade acha-se filiada a duas metades rituais. Estas se constituem, cada uma, de até cinco grupos que, através da arte e das performances por eles realizadas na fase de encerramento, fazem emergir ao nível da representação certos aspectos da organização social.
Palavras-chave: rituais indígenas - etnicidade - Krikati.

Abstract: Wý'tý is a ceremony which involves all the members of the Krikati community and demands a considerable period between the initial preparations, related to the opening and the closing, a more elaborate stage. The Wý'tý, here, will be analysed, preferably, from its artistic aspects as a vehicle of dominant social subjects. For this ritual, the community is divided into two ritual halves that are made up of up to five groups, which through art and performances given at the closing ceremony, make certain aspects of their social organization emerge in the representations.
Key words: Indigenous rituals - ethnicity - Krikati.

Doutora em Sociologia.
Professora do Departamento
de Artes da Universidade
Federal do Maranhão
(UFMA).

Wý'tý é uma grande cerimônia indígena krikati¹ que busca na arte recursos para representar aspectos da vida em comunidade. Essa representação é, ora lúdica, ora dramática. Neste caso, ela está presente nos objetos de uso ritual, nos cantos, nas danças, nas encenações, na pintura e ornamentação do corpo².

Essa festa só se realiza com a anuência dos pais de uma menina *Wý'týpehj*³. Caso eles concordem, objetos rituais como o *Hokô*, a máscara *Kroahu* e os símbolos do grupo ritual Seriema⁴ começam a ser confeccionados por homens. O material utilizado é fibra extraída da prefoliação da palmeira buriti⁵.

Além dos objetos mencionados, a família da *Wý'týpehj*⁶ faz uma roça exclusiva para a festa. São estes os pré-requisitos para que se realize a cerimônia. Só depois que *Hokô* e *Kroahu* ficam prontos então, homens do grupo ritual Onça⁷ (*Rop*) pegam dois jovens que são proclamados Gaviões⁸ – um representa o macho e o outro, a fêmea – um garoto que tenha entre oito e dez anos lhes é dado como filhote. Essas três pessoas irão “viver” como Gaviões por um período que pode durar de quatro a seis meses. O “ninho” dessa família é a casa da *Wý'týpehj*. Caberia aqui o conceito de alegoria?

A função da alegoria é remeter o espectador, através da representação de elementos mais palpáveis, para conceitos mais gerais, como o amor, a passagem do tempo, o heroísmo, a dignidade... ou outros quaisquer. Com suas figuras, o artista nos aponta, então para uma dimensão situada mais além do aspecto imediato dos fatos que nos apresenta. Trata-se da postura mais primitiva com que o contador de histórias e o produtor de imagens se colocam diante de sua comunidade como a voz que revela o sentido do mundo através do mito (AMARAL, 1987, p. 148-9).

Há algo que escapa ao pensamento de Amaral – o *Wý'tý* é um evento em que a arte está envolvida do começo ao fim. Contudo, é regido por leis muito rigorosas, além do mais tem o caráter de conceder status à *Wý'týpehj* e impregnar de poder os objetos rituais nele envolvidos⁹.

A origem desse ritual acha-se justificada pelo mito de Kukró. Para que ele se realize é necessário a existência de meninas que tenham, em sua série de nomes, o de *Krypehj*¹⁰. Este é composto por um substantivo *kry* (cabeça) mais um adjetivo *pehj* (bom, bonito) donde resulta que, *Krypehj* que significa ao mesmo tempo cabelo bonito e cabeça boa, quem tem bons pensamentos. Toda *Krypehj* é uma *Wý'týpehj*.

Não conheço, até o momento, a tradução do substantivo *Wý'tý* para a língua portuguesa, embora tenha tentado fazê-lo junto a meus informantes. Sabe-se, contudo, que é uma cerimônia cuja ênfase recai na

magnanimidade da família de *Krypehj* durante o festival. Essa qualidade se materializa com o acolhimento, por parte da família de *Krypehj*, de todos os membros da comunidade em sua casa onde lhes é servida uma refeição diária. Essa casa passa a ser, a exemplo do pátio, um espaço público. Então, as pessoas estão sempre indo e vindo para conversar, para tomarem refeições. Porém, regressam, em seguida, às suas casas.

Esse é um período em que emerge uma profusão de símbolos, os quais são encarnados por pessoas que os expressam através de gestos, pinturas corporais, ornamentos e cantos. Para que se compreenda como isso se processa, daremos alguns exemplos a seguir.

Pelo nome, as pessoas de ambos os sexos são filiadas a uma metade ritual. As duas metades cerimoniais do *Wý'tý* – *Kroahu* e *Rop* – são constituídas por grupos rituais que levam nomes de animais. São elas:

<i>Kroahu</i> (máscaras)	<i>Rop</i> (onça)
<i>Waitokró</i> (flechas)	<i>Hogré</i> (gavião)
<i>Māré</i> (tico-tico)	<i>Atchu</i> (abelha irapuã)
<i>Kokôi</i> (coruja branca)	<i>Akraré</i> (crianças)
<i>Prigré</i> (seriema)	<i>Kreruré</i> (inhamé)

Todos os grupos rituais adotam, cada um, dois filhotes. Aqueles constituídos por homens adotam filhotes femininos; os femininos adotam filhotes masculinos; exceto o grupo ritual denominado *Akraré* (criança).

O mito que trata da origem desse ritual diz que *Kroahu*, ou *Kukre't* é da água. Um dia, um jovem índio capturou um filhote dessa espécie e o criou na aldeia. Este aprendeu a falar e ensinou os Krikati a fazerem esse ritual.

Você sabe, esse tal de *Wý'tý* não é porque o índio fez da cabeça dele não. Esse *Kroahu*, que é esteirão, é da água. Agora diz que de primeiro tem um lago grande! Primeiramente, de fato, tem lago grande mesmo, mas morreu quando começou a entrar a nação de vocês (os não- índios) e assim acabou com os bichos todos através das queimadas.

Bom, aí tem um índio por nome de *Kukró* que já estava rapazinho. Aí ficou lá. Porque, de primeiramente é que nem nação de vocês, o que vai arrumar o casamento é o pai e a mãe. Aí, esse rapaz já ficou grande, aí lá vêm a sogra e o sogro combinar com o pai dele e a mãe. Aí combinou: não, vamos casar nossos filhos. “Rumbora”, respondeu o pai de *Kukró*. Aí ele ficou pensando. E diz: ‘mamãe eu quero que você faz um beiju, um paparute uma coisa assim de massa branca mesmo’. No outro dia ele saiu dizendo: ‘mamãe eu vou sair pra cá’¹¹. Chegou no meio da distância fez muquiuiu de tanta caça que ele matou na estrada.

Deixou muquiuiu, saiu na frente. Numa base de oito horas ele chegou na beira do lago. Foi se aproximando devagar e viu o bichinho novo com chifrinho.

Tem deles que está com papo pra riba¹² e outros esquentando no sol. Os mais velhos estão dentro da lagoa. Kukró olhou assim. ‘Vou ver se pego um bicho desse’.

Ele se aproximou devagarinho - bicho não está nem esperando. Agarrou um. Quando o bicho começou a gritar ele correu. Então os outros se espantaram: tchun, tchun dentro d’água. Então os grandes levantaram, sentiram falta e foram atrás. Kukró correu, correu, correu mais ou menos dez léguas! Aí parou. Quando chegou na aldeia mostrou o bichinho ao pai dele, o qual ficou espantado com tamanha ousadia: ‘mas meu filho, esse bichinho é corredor, não sei como que você pegou. Se esse bicho te pega, rapaz, tu num chega não. Esse bicho corre, siô! Eu conheço!’ ‘É, só que eu corri com ele até...!’

O bicho foi criado pelos índios, aprendeu a falar; aí, quando ele ficou grande começou a fazer essa festa de Wý’tý. Esse índio é falado em toda nação: pegou Kroahu, pegou cachorro-do-mato (Narrado por Francisco Krikati em 06/06/2000).

Essa cerimônia está relacionada à fauna. *Waitokró* é nome de um passarinho da campina que tem manchas sobre os olhos. Este, em português, é chamado pelos Krikati de olho pintado. *Mãre*¹³, em princípio, parece tratar-se de filhote de ema, mas, na verdade, é a designação do tico-tico na língua krikati. Este também é um passarinho de campina que anda em bandos e tem o hábito de cantar quando percebe a presença de predadores, inclusive caçadores. Os outros animais, ao ouvirem esse canto, fogem. A coruja-branca, assim como o tico-tico e o olho pintado, também alimentam-se de insetos. Esta come, além de insetos, pequenos roedores. *Prigré*, ou seriema é uma ave de médio porte, alimenta-se de insetos, répteis e pequenos roedores. A outra metade tem o grupo onça, criança, inhame gavião e abelha *irapuã*, tida como agressiva; não possui ferrão, mas se defende usando as mandíbulas.

O grupo *Akraré*, que significa criança, é constituído por homens (adultos e jovens). Os membros desse grupo, ao se apresentarem, o fazem armados de arco e flechas em miniatura. Eles saem de casa em casa pedindo, ou pegando o que querem. Caso o adulto tente retomar aquele objeto a “criança” chora. Outras vezes, além de chorar, ela atira flechas.

Quando essas “crianças” flagram casais copulando, saem chorando por toda a aldeia enquanto relatam, em alto e bom tom, o que viram. Os denunciados não devem aborrecer-se nem tentar puni-las. A explicação para esse comportamento é que “elas são crianças, não sabem de nada. Então não têm culpa, ao contrário do casal de adultos que deveria ser mais cuidadoso quando o assunto é namoro” (Tephot).

Esse grupo, durante sua performance, geralmente desperta o riso do público por serem homens que assumem comportamento e atitudes

de crianças mas, também, explicita certas normas comportamentais que os adultos devem ter em relação à infância¹⁴. O adulto não deve intimidar a criança, pois o medo é um obstáculo ao processo de aprendizagem.

A cerimônia *Wý'tý* abre um período festivo que chega a durar de quatro a seis meses. O início é marcado pela proclamação dos Gaviões. A metade cerimonial *Kroahu* se abriga em uma casa que esteja situada na extremidade oposta do diâmetro (imaginário) que atravessa o círculo interno a partir da casa da *Krypehj* (ninho dos Gaviões). Daquele momento em diante, a costumeira reunião matinal dos homens no pátio se transfere para o “ninho” dos Gaviões.

Não há, no início, a apresentação dos grupos rituais mencionados acima. Porém, a comunidade como um todo se volta para essa cerimônia. É necessário alimentar os Gaviões e estes devem caçar para as mulheres, enquanto a família de *Krypehj* alimenta a comunidade. Todas as tardes os três Gaviões saem para “pescar” comida. O território é o círculo das casas, onde eles estendem uma cuia suspensa por cordéis presos a uma vara. As pessoas colocam algum gênero alimentício que eles comem no “ninho” juntamente com o filhote. Há uma caçada que os Gaviões adultos fazem para as mulheres. Eles saem para caçar com elas. Os animais abatidos são entregues às mulheres que os assam e comem na mata mesmo. As sobras são levadas para casa. Além de caçar eles trabalham na roça das mulheres. Os Gaviões têm também a incumbência de defender a comunidade de qualquer perigo:

Tem uma coisa que eu me esqueci de te dizer. No tempo em que eu fui Gavião, não sei quem foi que viu um sucruiu (sucuri) na lagoa. Então, eu fui sem saber. Nós catemo dicumê¹⁵ mais compadre Severino¹⁶ andando nas casas até que cheguemos lá em casa, lá no ninho mesmo. O grupo que nós estamos mesmo acabou de comer e não avisou.

Agora vocês dois vão pegar aquele sucruiu que está na lagoa. Aí eu falei pra Kuré¹⁷: ‘coisa boa e importante que vai dar pra nós dois. É só nós dois que vamos arriscando a vida.’ Era pra ver como é que nós somos homens. Então eu fui com o compadre Severino. Eu entrei na lagoa, cacei sucruiu com as mãos mesmo, e nada! Aí eu falei pro compadre Severino: ‘rapaz, cadê esse sucruiu?’ Aí compadre Severino entrou também, procurou e nada! Aí, nós cortamos tora, corremos e chegamos (Tephot).

Mencionei anteriormente que uma roça deve ser feita em função da cerimônia. A família da *Krypehj* planta nela arroz, milho, fava, inhame, batata, macaxeira etc, mas não colhe. Um dia depois de terem escolhido os gaviões, a comunidade vai até essa roça. É curioso que os membros da metade cerimonial *Kroahu*, posicionados ao longo do caminho que leva à roça, tentem interceptar a corrida dos Gaviões. Isto porque

aquele espaço roça, no ritual, representa uma lagoa onde não só as mulheres, mas toda a comunidade, vai pescar. Seria a lagoa ou o lago mítico dos *Kukre't*?¹⁸. Se assim o for, o *Kukre't* é uma entidade do mundo aquático, protetora dos peixes, jacarés, sucuris. Segundo a informante, “*Inhame, batata, fava, arroz, tudo é peixe. Fava é piabinha e milho é jacaré*” (Co’hic). Esse é o ponto alto da primeira fase do *Wý’tý*.

A última fase acontece de quatro a seis meses depois da abertura. São aproximadamente quatro dias de intensa atividade onde o tempo é gasto com a preparação de comidas, pintura e ornamentação do corpo, cantos e danças¹⁹.

Objetos como *Caxýc*, *Hokô* e braceletes de fios de algodão são feitos por mulheres, em preparação ao encerramento.

O primeiro dia começa com a corrida de revezamento com troncos²⁰ entre mulheres casadas e solteiras. Fazem parte do grupo das solteiras mulheres que, mesmo casadas, não têm filhos ou têm apenas um; e casadas, as que têm a partir de dois filhos. A mesma divisão vale para os homens. À tarde acontece a dança dos homens que, em cerimônias passadas, foram Gaviões. De mãos dadas eles formam um cordão. Mulheres se intercalam entre os homens e os ajudam a cantar. Os dois Gaviões da cerimônia em vigência se posicionam no meio da fila. Esse grupo percorre o caminho circular cantando e dançando até chegar ao “ninho”.

Em frente ao “ninho” a metade cerimonial *Rop* se reúne para percorrer o caminho circular cantando, juntamente com os Gaviões, até o pôr-do-sol. Os mascarados²¹ fazem sua performance na tarde do segundo dia. Esta, consiste em um “duelo” entre mulheres e mascarados²². Ao cair da tarde, a metade *Kroahu* em bloco, reunida em sua sede, inicia uma cantoria que deve durar a noite toda. No dia seguinte, o grupo *Prigré* realiza sua performance pelos caminhos radiais próximos à sede do *kroahu*. Na seqüência se apresentam *Waitokró*, *Mãré*, *Rop*, *Akraré*.

O último dia é dedicado à saída dos Gaviões. Emplumados, os três aguardam preocupados esse momento. O primeiro a sair é o filhote. Os dois adultos aguardam o sinal que é dado pelos *Kokô* – duas pancadas leves, na parede, próximo à porta. Os dois correm tão rápido quanto possível e, em zigue-zague, para alcançarem o jirau no pátio a fim de escaparem de uma chuva de cacetes que os espectadores atiram para o alto simultaneamente. Uma vez no jirau eles estão a salvo. E para que eles abandonem a “pele” de Gavião, uma mulher derrama água sobre a cabeça de cada um. Seus *Hokô* já não lhes pertencem; o chefe retira-os e dá a homens dignos de serem donos desse objeto.

O cacique escolhe as pessoas que podem receber o Hokô. Só os homens valentes recebem esses enfeites de gavião e ele passa a ser o dono do Hokô, isto é, aquele que sabe cantar, que é corajoso e sabe enfrentar qualquer perigo (Tephot).

Por exemplo, se tiver um jacaré grande, muito valente, dentro de um poço fundo e eles mandarem o dono do Hokô, ele, que é o dono do Hokô, é quem sabe enfrentar; descer, pegar o jacaré com a mão, levar para o seco e matar (Catym).

Mais outros dois objetos de uso ritual são distribuídos com igual critério – o *Hokô* de antenas e o *Caxíc*. O primeiro é entregue aos homens, o segundo, às mulheres. Finalmente todos cantam e dançam enfileirados (ombro a ombro). O cantor agita o maracá, canta e dança entre as duas filas e puxa as mulheres para uma das filas e os homens para a outra, até que se forme uma fila de homens e outra de mulheres. Assim termina a grande cerimônia *Wý'tý*.

Considerações finais

O *Wý'tý*, enquanto um processo ritual-artístico, constitui-se numa alegoria onde os temas sociais dominantes compõem o texto básico para a grande encenação. Porém, os personagens são animais: onça, abelha, criança e gavião de um lado, e pássaro, seriema, olho pintado, coruja do outro. O que fazem as crianças no meio de animais?

Essa alegoria mescla os três níveis: cultural (humano), natural e sobrenatural²³.

A relação entre humanos, animais, vegetais e astros é estreita segundo a mitologia Krikati. Dos erros surgem soluções de tal forma surpreendentes que o deslize inicial passa a ser visto como a ação que desencadeou uma série de transformações favoráveis à humanidade.

O que se percebe é um entrelaçamento tão complexo entre humanidade e fauna, humanidade e flora, humanidade e astros que somos tentados a dizer ser impossível uma separação hierárquica no campo ideológico desse grupo. Quem hoje é animal, teve, de acordo com a mitologia, em sua ascendência um humano, um vegetal, um astro.

A sabedoria é uma conquista, resultado da convivência entre humanos e outros seres. Cabe também discutir que a força atuante de natureza vegetal, animal ou cósmica, não está em sua aparência enquanto matéria com suas morfologias, mas sua essência intangível.

Por isso, não é difícil compreender porque uma jovem deve promover um festival dedicado aos animais que comparecem “encarnados” por

humanos. Podemos dizer que *Wý'tý* é alegria, encantamento, transformação onde humanos e natureza continuam integrados, se não na práxis, pelo menos na ideologia. Esse conceito de natureza fluida – homem transformado em indivíduo de outra espécie – tenha tido uma função dialética: ensinar o respeito a todas as formas de vida, e não matar mais que o necessário.

Os principais personagens desse rito são *Kroahu* e *Rop*. Homens e mulheres das diferentes classes de idade encarnam estes e outros personagens e os representam como se fossem atores.

O antagonismo entre os grupos rituais, durante os quase seis meses de duração, é uma disputa de contrários. A oposição dentro da cerimônia *Wý'tý* ocorre em dois níveis:

1. Entre animais, principalmente aves, representados pelos grupos *Kroahu* e *Rop* com seus respectivos emblemas. De um lado, o *Hokô*, de coloração amarelada e, do outro, a máscara composta por duas esteiras também amareladas, e um par de franjas verde-musgo, feitas com folhas de buriti. As cores claras, como o amarelado da fibra de buriti, estão relacionadas a seco, alto, claro, dia...; às escuras, a molhado profundo, noite, horizontal... A máscara *Kroahu* também representa um anfíbio por ter em sua composição as cores amarela e verde-escuro. Temos na metade *Kroahu* pássaros de hábitos noturnos e diurnos (tico-tico, seriema, olho pintado e coruja-branca). Os de hábitos diurnos representam as presas do Gavião; os noturnos, não são, mas representam, presas da onça, uma vez que esta caça durante a noite. Pode ser também que a onça represente, junto com o Gavião, o caçador humano, mas também toda a família dos felinos e caninos. Porém, uma trégua se estabelece na medida em que as duas metades, juntas, alimentam o Gavião e o *Kroahu* dá permissão para que todos pesquem na sua “roça – lagoa”. O Gavião não pesca, mas, por ser o dono do *Hokô*, deve estar presente para o caso de ter que defender os pescadores de eventuais perigos.

2. Vemos também uma oposição no domínio social que tem como símbolos objetos feitos com fios de algodão. Trata-se de uma oposição entre os gêneros porque o *caxýc*, faixa ritual das mulheres, no *Wý'tý* é usada por homens; o *Hokô* de antenas, do homem, no *Wý'tý* é usado por mulheres. Dessa maneira, os objetos cuja origem é o algodão manufaturado estão relacionados à cultura, mais precisamente ao domínio do conhecimento concernente aos rituais, aos mitos e aos cantos. Isto suscita uma outra oposição, pois *Hokô* de antenas e *Caxýc* trocam de donos. Os *Hokô* são dados a homens dotados das qualidades acima mencionadas; e os *Caxýc* passam às mãos de mulheres por semelhantes méritos. Daí que

se evidencia a oposição entre os que sabem mais, portanto os maduros; e os que sabem menos, imaturos.

Entre os objetos feitos com fibras de buriti, apenas o *Hokô* é preservado, o qual está relacionado à virilidade e ao embate com a natureza.

É oportuno mencionar que a referida cerimônia inicia-se na estação seca e quase sempre termina no início da estação chuvosa. Na primeira, as águas correntes ou lacustres baixam de nível. É a época do ano propícia à pesca; enquanto que nessa mesma estação muitos animais daquela região estão com filhotes, como seriema, perdiz, periquitos, jacu, ema e outros. Ao se voltar para a prática da pesca – sendo o peixe um animal de reprodução rápida e de difícil extinção, pela grande quantidade de ovos que põe – o homem possibilita a reprodução da fauna terrestre e um manejo mais equilibrado do meio ambiente.

Quanto à *Wý'týpehj*, esta possibilita a realização de um rito em que predomina a harmonia entre metades cerimoniais antagônicas com desfecho pacífico.

A cerimônia, para a qual o nome é um pré-requisito, deve acontecer novamente antes que a menina alcance a puberdade, para que ela atinja o status de madura e se torne uma pessoa excepcionalmente ilustre, dignificada (LAVE, 1967, p. 267-8).

Qualquer coisa de briga. As mulheres *Wý'týpehj* correm e evitam os homens conversando de brigar (Tephot).

Entrevistadora: Mas quando elas chegam, eles as respeitam?

Krypehj: unhum...

Tephot: Se ela chega e fala para não brigar eles respeitam.

Krypehj: Porque você (ela) já foi uma pessoa importante.

Finalmente, ela atinge o status de madura (adulta) e será sempre respeitada. Compete à *Wý'týpehj* zelar pela concórdia na comunidade, evitando que brigas entre homens cheguem ao clímax. Ela recebe também, de sua doadora de nome, um cinto, símbolo de sua maturidade biológica, tornando-a apta a casar-se e ter filhos.

Notas:

¹ Povo indígena de língua Jê, da família Timbira. Os Krikati vivem nas Aldeias São José e Raízes da Área Indígena Krikati localizada no município de Montes Altos (MA), microrregião de Imperatriz.

² “A festa-cerimonial é um evento de arte, é uma imensa obra de arte, planejada, ensaiada, montada e realizada através de passos meticulosos. O milagre da festa indígena, entretanto, reside em que nela, como em tudo o mais no seu mundo comunitário, não há espectadores passivos [...]” (RIBEIRO, 1987, p. 59).

³ “A cerimônia Wu’tu é a mais complexa e elaborada no repertório krikati. O começo é marcado por uma pequena cerimônia em que todos da aldeia vão à casa da menina Wu’tu e solicitam aos pais dela que deixem a cerimônia acontecer” (LAVE, 1967, p. 267).

⁴ Cariama cristata.

⁵ Mauritia vinifera.

⁶ Melatti (1978, p. 302-13) fala da moça *Witi* como sendo moça ou rapaz associado por excelência. Diz também que “o menino ou menina *Witi* devem ser respeitados, ninguém briga em sua presença”; que *Witi* é escolhido(a) pela comunidade, além que o menino ou menina associado(a) gozam de certos privilégios para ela e seus pais. Há o rito de “investidura” e outro de “abdicação”. O primeiro é quando homens da metade oposta a do pai pedem oficialmente a ele que dê permissão para que sua filha seja proclamada *Witi*. Esse rito consiste em dar presentes à aldeia e envolve também um poste onde penduram pedaços de carne. A família da *Witi* oferece comida aos moradores da aldeia. Enfim, o rito envolve vários outros elementos interessantes. Porém, ao que tudo indica a *Witi* dos Krahô não equivale à *Wý’týpehj* dos Krikati.

⁷ *Panthera jaguaris*.

⁸ *Harpya*.

⁹ “As formas artísticas na sociedade tomam temas culturais e emocionais individuais – a morte, a masculinidade, o orgulho, a sorte, as relações entre homens e mulheres, a agressão, as cooperações sociais – e os apresentam de maneira que tornam compreensível sua natureza essencial, todavia não se pode articulá-las de maneira consciente” (NANDA, 1994, p. 318).

¹⁰ Pronúncia: *Krãpéi*.

¹¹ O narrador apontou com o braço em direção leste.

¹² Decúbito dorsal.

¹³ Melatti (1978, p. 167) em sua análise sobre a máscara *Ko?kritho* fala sobre um pássaro chamado *pókrit* (companheiro do veado), que quando canta, espanta o veado campeiro (pó). É provável, no nosso caso, que *maré* seja o pássaro que espanta a ema (*mã*).

¹⁴ “A arte torna visíveis os temas culturais dominantes, os faz tangíveis e por conseguinte mais reais” (NANDA, 1994, p. 318).

¹⁵ Juntamos a comida.

¹⁶ Severino é o outro homem que foi *Hogré* juntamente com *Tephot* no *Wý’tý* de 1988/89.

¹⁷ Compadre (*Kuré*): no caso é seu companheiro Severino.

¹⁸ Nimuendaju (1946, p. 201-2) diz que entre os Canela Rankokamekra existe um festival de máscaras. Segundo ele, esta é uma das seis sociedades masculinas daquele povo. O autor relaciona esse ritual ao mito de “*Kökrj’t*” onde ele também afirma ser este um monstro aquático.

¹⁹ Sobre o desenvolvimento do ritual, ver: BARROS, 1999.

²⁰ Corrida de Toras.

²¹ Melatti nos fala de um rito com máscaras semelhante às máscaras *kroahu*, que entre os Krahô é denominado de *Ko?kritho*, o qual ocorre por iniciativa dos jovens que se dirigem ao chefe de ritos cantando e arrastando, tocando apitos e batendo os pés no chão. Repetem essa performance em frente a todas as casas da aldeia. Em seguida eles colhem material

para fazerem as máscaras, as quais, como no caso *Krikati*, são feitas por homens mais velhos. O rito propriamente dito acontece quando os jovens mascarados saem do mato em qualquer ponto da aldeia, dançam na praça. Depois, um de cada vez, sai do grupo dançante e corre na direção da casa de *Witi*. Numa outra versão registrada pelo autor em que o grupo dos mascarados se assemelha ao grupo *Akraré* do *Wy'tj* dos Krikati: pedem muito e se lhes negam algo, choram muito (1978, p. 266-71).

²² “Com frequência se crê que as máscaras usadas nos rituais assumem o poder sobrenatural dos espíritos ou seres que representam. Ao dar-lhe uma forma, como uma máscara, uma pintura, ou escultura, o espírito pode ser manipulado e controlado mais facilmente pelos humanos” (NANDA, 1994, p. 316).

²³ “Os mascarados comunicam informação vocal, coreográfica e plástica. A multiplicidade de caracteres figurados indica uma estreita vinculação entre a máscara e o sobrenatural que representa, presente nas narrações míticas e crenças religiosas” (RIBEIRO, 1989, p. 112-3).

Referências bibliográficas

- AMARAL, J. L. do. *Artes plásticas – significado e contexto*. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- BARROS, M. M. dos S. *Wu'tu – o processo ritual artístico (re) criador da etnicidade krikati*. Araraquara, 1999. Dissertação (Mestrado em sociologia) – FCL/UNESP.
- LAVE, J. E. C. *Social Taxonomic among the Krikari (Jê) of Central Brazil*. Tese de doutoramento apresentada a Harvard University. Cambridge, 1967.
- MELATTI, J. C. *Ritos de uma tribo timbira*. São Paulo: Ática, 1978.
- NANDA, S. *Antropologia cultural – adaptaciones socioculturales*. Quito (Equador): Instituto de Antropologia Aplicada, 1994.
- NIMUENDAJU, C. U. *The Eastern Timbira*. Berkley & Los Angeles: University of California Press, 1946.
- RIBEIRO, B. G. *Arte indígena e linguagem visual*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.
- RIBEIRO, D. *Arte Índia*. In: RIBEIRO, B. G. (org.). *Suma etnológica brasileira. Arte Índia*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 29-64. V. 3.

